

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA POLITIZAÇÃO DA SOCIEDADE NO PERÍODO DE 1964 A 1984

OLIVEIRA, Maria da Purificação Leite.

SILVEIRA, Nívia Daniela da Hora.

LIMA, Luiz Eduardo de Andrade (Orientador)
Graduado em Letras Português/Inglês, Pós-Graduado em Educação pela
Universidade de Brasília – UnB, Professor do curso de Letras da
Universidade Tiradentes – UNIT
leduardoalima@uol.com.br

RESUMO:

A ditadura militar é um assunto muito polêmico que está sempre em discussão na sociedade brasileira. Por esta razão é que a temática escolhida mostrará como Chico Buarque, um dos nomes mais representativos da MPB, fez letras de protestos ou que foram consideradas contrárias ao regime ditatorial. Porém, analisando as letras das músicas Os Saltimbancos, Apesar de você e Vai passar, considerando as condições de produção do discurso do autor, observa-se que, sócio-historicamente, o autor é regido por uma formação discursiva que lhe impõe dizer e significar implicitamente de acordo com as formações ideológicas. Dessa forma, percebemos que Chico Buarque tenta desviar a atenção dos censores do governo militar passando sua mensagem para a sociedade utilizando a “política do silêncio”, produzindo sentidos numa direção político-ideológica, através da sua criatividade e do seu poder de lidar com as palavras lutando pela redemocratização.

Palavra-chave: Discurso; ideologia; função-autor; ditadura militar.

ABSTRACT :

The military dictatorship is a very controversial subject that it is always in discussion in the Brazilian society. For this reason it is that the chosen theme will show like Chico Buarque, one of the most representative names of MPB, made letters of protests or that you/they were considered contrary to the dictatorial regime. However, analyzing the letters of the music Saltimbancos, in spite of you and it will pass, considering the conditions of production of the author's speech, it is observed that, partner-historically, the author is governed by a discursive formation that he/she imposes to tell him/her and to mean implicitly in agreement with the ideological formations. In that way, we noticed that Chico Buarque tries to divert the military government's censors' attention passing his/her message for the society using the "politics of the silence", producing senses in a political-ideological direction, through his/her creativity and of his/her power to work with the words struggling for the redemocratização.

Key word: Speech; ideology; function-author; military dictatorship.

A contribuição da literatura para politização da sociedade no período de 1964 a 1984, serviu para denunciar as arbitrariedades do poder político da época, atingindo o autoritarismo de vários governos que desrespeitaram o povo brasileiro de forma repressora. Nesse período, o Brasil foi governado por militares que impuseram uma cruel ditadura e esse regime ditatorial violentou repressivamente a sociedade no âmbito político e cultural criando cinco Atos Institucionais para cassar mandatos de parlamentares, suspendendo direitos políticos da sociedade civil com ARE (Aparelhos Repressivos de Estado).

No entanto, o Presidente Emílio Garrastazu Médice, destacou-se como o mais terrível ditador com a implementação do AI-05. Ele suspendeu os direitos fundamentais do cidadão brasileiro atingindo todas as instituições e não críticas nem oposição pacífica. Para encobrir sua face cruel, gastava milhões de cruzeiros em propaganda destinada a melhorar sua imagem junto ao povo. Um dos slogans dessa propaganda dizia: Brasil – ame-o ou deixe-o, que na prática significava apoiar o regime militar ou abandone o país.

Escandalizada com os atos brutais daqueles que se diziam agir em nome da segurança nacional, a sociedade brasileira passou a reivindicar a redemocratização do país, e diante das pressões populares, o presidente João Batista Oliveira Figueiredo assumiu o compromisso de realizar a “abertura política” para desenvolver a democracia do Brasil. E é considerando esse contexto histórico, que será analisada essa contribuição literária para o recrudescimento político-ideológico, através das letras do compositor Chico Buarque, que muito contribuiu com este processo de redemocratização do país.

A ditadura militar é um assunto muito polêmico que está sempre em discussão na sociedade brasileira. Por esta razão é que a temática escolhida mostrará como Chico Buarque,

um dos nomes mais representativos da música popular brasileira, fez letras de protestos ou que foram consideradas contrárias ao regime ditatorial, carregadas de um discurso político ideológico e engajadas com o contexto sócio-político econômico, mostrando como a linguagem literária foi trabalhada como denunciadora dos desajustes sociais da época. Dentre as letras colhidas para realização desta investigação científica estarão “Os Saltimbancos”, “Apesar de você” e “Vai passar”.

Contudo, as questões que darão suporte a este artigo são: De que maneira a literatura foi utilizada para resgatar os valores sociais e políticos censurados pela ditadura? O compositor Chico Buarque através das suas letras tenta criar uma contra-ideologia para combater a ideologia ditatorial? Como Chico Buarque consegue fazer uma intertualidade das letras de suas músicas com a realidade social da época? Essas questões nortearão este trabalho, considerando os princípios teóricos da Linguística textual, da Sociologia e da Análise do Discurso, relacionando a pesquisa com o universo teórico apresentado.

Chico Buarque – **Uma poesia que conta a estória de seu tempo**

Francisco Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944. Filho do historiador Sérgio Buarque de Hollanda e de Maria Amélia de Hollanda, pianista-concertista, morou em São Paulo, Rio de Janeiro e Roma durante a infância. Desde criança teve contato em casa com grandes personalidades da cultura brasileira, como Vinícius de Moraes (que viria a se tornar seu parceiro) Baden Powell e Oscar Castro Neves, amigos dos pais ou da irmã mais velha, Miúcha, também cantora e violinista, fato que influenciou sua formação de compositor e escritor. Sua produção tem o comprometimento com o social, sua própria formação o leva a esse caminho: na infância, o trabalho getulhista; na adolescência, o nacional desenvolvimento de J.K.; na vida universitária, o envolvimento com os movimentos populares.

Em 1964, com golpe militar a ação da censura ganha força e as músicas a ação da perseguição. Depois de passar quinze meses na Itália, onde esteve exilado, o compositor confronta-se novamente com a censura e para desta se desviar assumiu os nomes de Julinho de Adelaide e Leonel Paiva.

Para Adélia Bolle, Chico Buarque com sua obra consegue aquilo que só os grandes poetas conseguem: seu poder de lidar com as palavras faz delas um instrumento de desvendar a realidade, de romper o silêncio.

Seus trabalhos apresentam um grande valor literário, sempre marcado pela inquietação proveniente da sua relação com o mundo, e isso fica evidente em suas produções realizadas no período militar o qual desempenhou uma crítica contestadora em relação a ordem vigente.

Fazendo um breve apanhado do contexto sócio-político econômico do Brasil de 45 a 80, é importante salientar que a democracia populista (1945-1964) havia crescido significativamente a linha político econômica, que tinha por objetivo transformar o Brasil num país rico e próspero, dentro do sistema capitalista, porém autônomo em relação ao capital estrangeiro, com um esquema de distribuição de renda que beneficiasse toda a população e com um sistema político democrático.

Com a vitória do Golpe militar de 1964, manteve-se o sistema capitalista e a meta de enriquecer o país. Por outro lado a democracia política passou a ser encarada como um obstáculo ao rápido crescimento econômico. A distribuição de renda, então foi propositadamente deixada de lado, dentro do princípio de que “primeiro é necessário fazer o bolo crescer para depois dividi-lo”.

Os projetos de reforma de base foram abandonados e ganharam força os princípios do desenvolvimento ligados a uma elevada participação de capitais e empresas estrangeiras na economia brasileira. Esses fatos culminaram a recessão e o desemprego que surgiram na década de 80, o crescimento da dívida externa e o achatamento salarial desde 1964, a corrupção tornou-se um mal crônico já na década de 70 e a pobreza e a violência que ultrapassaram o limite do absurdo.

Quase tudo que o regime militar realizava era planejado e decidido entre quatro paredes, por pequenos grupos de tecnocratas, sem o conhecimento da população e sem qualquer discussão com entidades representativas da sociedade. Logo, qualquer crítica tecida ao regime, era violentamente sufocada com a repressão policial e a rígida censura à imprensa. E os poucos que se manifestavam eram rapidamente retirados de circulação, acusados de contestadores, subversivos e comunistas.

As letras das músicas “Os Saltimbancos”, “Apesar de você” e “Vai passar”, de Chico Buarque foram elaboradas considerando o clima histórico vivenciado pelo autor. Tais letras apresentam um discurso político ideológico, e os seus versos denunciam o regime militar, mantendo uma postura politizada e uma relação dialógica com o Período Realista.

Segundo Massaud Moisés (apud RODRIGUES, 2003, p.88) a poesia Realista teve carácter revolucionário, serviu de arma de combate, de ação, em suma, poesia a serviço de causas, o que equivale a dizer poesia compromissada ou *engagée*.

Depois de passar mais de um ano vivendo na Europa, em 1970 Chico Buarque voltou ao Rio de Janeiro influenciado pelo seu diretor da gravadora que lhe assegurou que as coisas no Brasil estavam melhorando. Ao chegar, descobre que, ao contrário, a situação piorara e muito. Foi quando escreveu “Apesar de você”, letra que foi elaborada ao fazer uma análise de conjuntura do seu país, trabalhando discursivamente uma contra ideologia.

Para viabilizar esta análise é necessário que se compreenda algumas considerações feitas sobre a Análise do Discurso, considerando como o discurso é permeado através dos não ditos nos versos das músicas e pelos recursos polissêmicos utilizados pelo compositor.

Segundo Orlandi:

A Análise do Discurso concebe a linguagem como medida necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa medição, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI,2005,p.15).

Como a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno , mas também enquanto formação ideológica, o conceito de ideologia e de discurso, tornam-se duas vertentes que vão influenciar a Análise do Discurso.

Considerando uma definição de ideologia, segundo a concepção marxista, Chauí (apud BRANDÃO, 2004, p.21) caracteriza a ideologia como “um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas idéias passem a ser idéias de todos.” Para criar na consciência dos homens essa visão da realidade, a ideologia organiza-se:

Como um sistema lógico e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem fazer e como devem fazer. (CHAUI, idem, p.22)

Já as condições de produção do discurso referem-se à exterioridade, à conjuntura sócio-histórica em que o discurso foi produzido e ao lugar em que seu sujeito está inserido. Logo, Pêcheux (apud, BRANDÃO, 2004, p.51) afirma que “o conceito de condições de produção engloba o de formação discursiva, uma vez que esta determina “o que pode e deve ser dito”, pelo sujeito em dada conjuntura sócio-histórica”.

A letra “Apesar de você” denota o clima histórico vivenciado pelo autor e pela sociedade da época, à qual tornou-se um samba que virou febre, tocando nos rádios e por pouco não virou hino, se não fosse a proibição da censura.

Nos primeiros versos desta música: “Hoje você é quem manda / Falou tá falado / Não tem discussão”. Com o advérbio “hoje” o tempo adquire sua dimensão histórica e fica configurada uma situação de sujeição, de escuridão, caracterizando, assim, o período vivido. “Você” foi, na época, decodificada pela censura como sendo o Presidente Médice. “A minha gente hoje anda / Falando de lado / E olhando pro chão, viu”, estes últimos versos da primeira estrofe remetem as atitudes repressoras do governo Médice marcado pela violência policiaisca, prisões e torturas – um verdadeiro aparelho repressor.

Althusser (apud, BRANDÃO, 2004, p.23) afirma que:

Para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de dominação de perpetuação ou de reprodução. É aí então, que entra o papel do Estado que, através de seus Aparelhos Repressores – ARE – (compreendendo o governo, a administração, o Exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc.) e Aparelhos Ideológicos – AIE – (compreendendo instituições tais como: a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação) , intervém ou pela, repressão ou pela ideologia, tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações de condições de exploração.(p.23)

Considerando o que assinalou Althusser, percebe-se que há uma compatibilidade com o que houve na história do Brasil e com que fica evidente no contexto das músicas de Chico Buarque. Já nos versos da segunda estrofe “ Apesar de você/ Amanhã há de ser / Outro dia / Eu pergunto a você/ Onde vai se esconder/ Da enorme euforia/ Como vai proibir/ Quando o galo insistir/ Em cantar/ Água nova brotando/ E a gente se amando/ Sem parar”, Chico insiste em mostrar sua certeza que tudo vai melhorar, alimentando a esperança do povo brasileiro de que tudo vai mudar. O **galo** anuncia um novo amanhã pondo fim à ditadura, e esse trecho

remete a João Cabral de Melo e Neto “Tecendo a manhã”. É a perspectiva da alteração radical da situação vigente, ironizando o governo Médice que, conhecido pelas suas proibições e imposições, não conseguiria impedir a chegada deste novo dia.

A ditadura Médici contou com circunstâncias econômicas externas e internas favoráveis, cooptando ideologicamente grande parte do proletariado, da classe média, principalmente a menos crítica e intelectualizada. Em torno, a situação era assustadora. Ao mesmo tempo em que a tortura e o desaparecimento de adversários do regime se tornavam rotina, grassava o mais ensandecido ufanismo. Os automóveis, aos milhares, circulavam com adesivos ameaçadores para quem não estivesse afinado com o “Brasil grande”: “Ame-o ou deixe-o”, lia-se nos vidros dos carros, quando não coisa pior: “Ame-o ou morra”. O tom ufanista foi também bastante intensificado pela conquista brasileira no México, na copa de 70. A tudo isso Chico reagiu com “Apesar de você” e em 1977 com “Os Saltimbanco”, esta última com o presidente general Ernesto Geisel no poder, o qual procurou manter a repressão e a violência à sociedade civil.

“Os Saltimbanco” apresenta a história de quatro personagens, o jumento, o cachorro, a galinha e a gata, os quais, do ponto de vista discursivo, figuramente representam os artistas, o operariado e os membros da sociedade civil que sofriam com a cruel ditadura. Esta produção foi elaborada com uma seqüência de faixas intituladas “Bicharia”, “O jumento”, “Um dia de cão”, “A galinha”, “História de uma gata”, “A cidade ideal”, “A pousada do bom barão”, “Minha canção”, “Esconde-esconde”, “Todos juntos”. No entanto, esta letra é divulgada aparentemente com uma linguagem ingênua, voltada para o público infantil, onde na verdade traz um discurso político camuflado propositalmente para criticar a censura.

Esta forma que Chico Buarque trabalhou a linguagem em “Os Saltimbancos”, na análise do discurso remete aos não-ditos, trata-se do silêncio. A essa questão Orlandi (2005, p.83) afirma, “o silêncio pode ser pensado como a respiração, lugar de recuo necessário para que possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido”.

Nos versos da música Bicharia “Au, au, au. Hi-ho, hi-ho/ Miau, miau, miau. Cocorocó/ O animal é tão bacana/ Mas também não é nenhum banana/ Au, au, au. Hi-ho, hi-ho/ Miau, miau, miau. Cocorocó/ Quando a porca torce o rabo/ Pode ser o diabo/ E ora vejam só”, Chico remete a “política do silêncio”, o qual intencionalmente destina uma crítica ao governo militar de modo que o leitor que está inserido no seu mesmo contexto histórico possa corresponder a essa leitura. A respeito desta questão Orlandi (2005, p.83) coloca que “as relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando palavras”, por esta razão tem que ser observado o que não está sendo dito e o que pode ser dito.

Nestes versos “ Era uma vez (E é ainda)/ Certo país (E é ainda)/ Onde os animais / Eram tratados como bestas (São ainda, são ainda)/ Tinha um barão (Tem ainda)/ Espertalhão (Tem ainda)/ Nunca trabalhava/ E então achava a vida linda (E acha ainda, e acha ainda)”, o compositor usa a figura do barão para se referir aos pequenos grupos tecnocratas e aos militares, opressores, concentradores de renda que destruía a consciência política da sociedade e do operariado aniquilando-o.

Na terceira estrofe da música Bicharia, os versos “ O animal é paciente/ Mas também não é nenhum demente/ Au, au, au. Hi-ho, hi-ho/ Miau, miau, miau. Cocorocó/ Quando o

homem exagera/ Bicho vira fera/ E ora vejam só”, Chico Buarque já tematiza que a sociedade civil tem condições de reagir contra a ditadura militar, que o homem tem uma grande força dentro de si e pode lutar contra o que já vinha acontecendo desde 1964.

Na letra da música “O jumento”, intencionalmente é usada a figura deste animal para conotar inteligência e sabedoria, uma vez que a sociedade sempre o utilizou somente para extrair sua força animal. Logo, nos versos “Jumento não é/ Jumento não é/ O grande malandro da praça/ Trabalha, trabalha de graça/ Não agrada ninguém/ Nem nome não tem/ É manso e não faz pirraça/ Mas quando a carcaça ameaça rachar/ Que coices, que coices/ Que coices que dá/ Hi-hoooooooooooo”, percebe-se que o compositor associa a figura do jumento ao proletariado, que no auge do *milagre brasileiro* enquanto o operário é excluído socialmente, houve uma maior concentração de renda, com um conseqüente arrocho salarial.

Já na letra da música “Um dia de cão”, os versos “ Lealdade eterna-na/ Não fazer baderna-na/ Entrar na caserna-na/ O rabo entre as pernas-nas/ Volta, cão de raça/ Volta cão de caça/ Volta cão chacal/ Sim, senhor/ Cão policial/ Sempre sou/ Às ordens sim, senhor”, Chico Buarque remete a situação de subserviência que a sociedade civil sofria às ordens de quem estava no poder, obedecendo as normas que eram instituídas pelo regime autoritário, sem direito a questionar, nem contestar, passando por constantes humilhações.

A música que apresenta a história da galinha, na última estrofe temos “Pois um bico a mais/ Só faz mais feliz/ A grande gaiola/ Do meu país/ Cocorocococó”, o compositor faz uma crítica a situação do Brasil, onde a sociedade encontra-se aprisionada a um regime ditatorial, que persegue, tortura, cassa os direitos políticos e civis, ocasionado inúmeros exílios por conta da falta de liberdade do povo brasileiro.

Na “História de uma gata”, letra que representa mais um personagem dos “Saltimbancos”, o compositor faz referência aos artistas que estavam sendo perseguidos pelo regime ditatorial, principalmente aqueles que utilizaram a arte e a música, como foi o caso do próprio Chico, como instrumento para politizar a sociedade. No entanto, nos versos “ Nós gatos, já nascemos pobres/ Porém, já nascemos livres/ Senhor, senhora ou senhorio/ Felino, não reconhecerás”, significa que os artistas mesmo que sejam pobres, nascem livres, contrariando a censura que intimidava o teatro, a música, o cinema, enfim, todo meio artístico.

No final da década de 70, a ditadura militar já se mostrava desgastada e mais alguns anos tristes se passaram até sua queda final em meados de 80. Chico constatava então um Brasil diferente que lutava pela redemocratização. Em 1984, ele compôs “Vai passar” em parceria com Francis Hime, que alguns anos depois se tornou um dos hinos da campanha das Diretas Já. A letra da música relembra o momento repressivo da ditadura e a ânsia do povo por liberdade, também apresenta um discurso político ideológico, do qual submete-se uma manifestação contra ideológica ao regime ditatorial.

Marilena Chauí (2001, p.22) “denomina *discurso crítico*, o antidiscurso da ideologia, o seu negativo, a sua contradição”. Para ela:

Um discurso que seja capaz de tomar o discurso ideológico e não contrapor a ele um outro que seria verdadeiro por ser “completo” ou pleno, mas que tomasse o discurso ideológico e o fizesse desdobrar todas as suas contradições, é um discurso que se elabora no interior do próprio discurso ideológico como contradiscurso. Esse contradiscurso é o *discurso crítico*, que não deve ser tomado como um discurso da objetividade. (CHAÚÍ, 2002, p. 23)

Na primeira estrofe da música “Vai passar”, percebe-se que ao usar o verso “Vai passar/ nessa avenida um samba popular”, o compositor faz uso da metáfora para se referir a transição do governo militar para o governo civil. Nos versos seguintes “Cada paralelepípedo/ Da velha cidade/ Esta noite/ Vai se arrepiar/ E ao lembrar/ Que aqui passaram sambas imortais/ Que aqui sangraram pelos nossos pés/ Que aqui sambaram nossos ancestrais”, ilustram as incertezas e as angústias vividas durante a longa noite que durou vinte e um anos, excluindo direitos, instaurando a censura, enterrando sonhos e pessoas.

Nos versos “Num tempo/ Página infeliz da nossa história”, referencia os trágicos acontecimentos do pós-64 . “Passagem desbotada na memória/ Das nossas novas gerações,” denota o desconhecimento que a nova geração tem dos problemas vividos durante a ditadura. À seguir o compositor utiliza-se dos versos “Dormia/ A nossa pátria mãe tão distraída/ Sem perceber que era subtraída/ Em tenebrosas transações”, para criticar o que era feito pelos grupos dominantes – latifundiários, multinacionais e militares – que realizavam uma intensa exploração econômica do país.

Nos quatro primeiros versos da terceira estrofe, “Seus filhos/ Erravam cegos pelo continente/ Levavam pedras feito penitentes/ Erguendo estranhas catedrais”, Chico Buarque metaforicamente também fala do trabalho “escravo” do povo brasileiro que, imbuído pela ideologia do desenvolvimento (trabalho e progresso) não percebia o quanto estava sendo explorado. “E um dia, afinal/ Tinham direito a uma alegria fulgaz / Uma ofegante epidemia/ Que se chamava carnaval, o carnaval, o carnaval”, este carnaval poderia ser representado pela campanha das Diretas Já. Esta euforia era predominante tanto na festa cívica dos comícios quanto na festa popular do Carnaval daquele ano de 1984, quando a campanha Diretas Já foi incorporada às letras dos sambas e marchinhas carnavalescas.

Nos sete últimos versos da terceira estrofe “Palmas pra ala dos barões famintos/ O bloco dos napoleões retintos/ E os pigmeus do bulevar/ Meu Deus vem olhar/ Vem ver de perto uma cidade a cantar/ A evolução da liberdade/ Até o dia clarear”, ele usa outra metáfora para a transição do governo da ditadura para o governo civil.

Na última estrofe, “Ai que vida boa olerê/ Ai que vida boa olará/ O estandarte do Sanatório Geral vai passar”, Chico Buarque através dos seus versos alimenta uma esperança por dias melhores com o final deste “carnaval”, comandado pelo “sanatório geral” que iria passar, isto é, acabaria e seria substituído pelo “carnaval popular”. E, foi encontrado nos não ditos da letra dessa música, como também nos seus recursos polissêmicos, uma verdadeira alusão ao regime militar e as conseqüências da suas ações para pátria, como também a esperança de um Brasil melhor, numa perspectiva de uma nova política que se despona.

Conclusão

Considerando a base dos princípios teóricos da Linguística Textual, pode-se fazer diferentes leituras possíveis de textos poéticos, focalizando a intencionalidade. Logo, considerando as letras da música de Chico Buarque, percebe-se que o momento da intencionalidade aparece como um atributo de vontade de uma mensagem ao ser propositadamente direcionada para atingir o seu destino. Beaugrande e Dressler (apud, KOCH e TRAVAGLIA 2002, p.79) afirmam que “ para que uma manifestação linguística constitua um texto, é necessário que haja a intenção do emissor de apresentá-la e a dos receptores de aceitá-la como tal”.

Retomando as condições de produção do discurso do autor, observa-se que, sócio-historicamente, o autor é regido por uma formação discursiva que lhe impõe dizer e significar implicitamente de acordo com as formações ideológicas. Dessa forma, percebe-se que Chico Buarque tenta desviar a atenção do governo militar passando sua mensagem para a sociedade, utilizando o seu poder de lidar com as palavras revestidas de poesia e polissemia. Entretanto, se o leitor não souber o contexto em que se deu a produção crítica ideológica, trabalhada pelo compositor, a interpretação pode ficar obscurecida, já que toda interpretação implica o conhecimento de mundo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do discurso**. 2ª ed. ver. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CHAUÍ, Marilena Sousa. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Letra e música**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem incompleta: a experiência brasileira(1500:2000) a grande transação**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

RODRIGUES, Nelson Antônio Dutra. **Os estilos literários e letras de música popular brasileira**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.